



PAULO E O JUDAÍSMO DE SEU TEMPO: O APÓSTOLO DOS GENTIOS, DE ISRAEL, VISTO EM UMA “NOVA PERSPECTIVA”.

Karl-Wilhelm Niebuhr¹

RESUMO

A intenção do autor é tentar responder a duas perguntas: 1) onde o apóstolo Paulo recebeu os seus maiores impulsos em termos de formação: em Tarso, na Ásia Menor, ou em Jerusalém, na terra de Israel? 2) Que significado e que implicações trazem para a exegese o fato de Paulo se considerar um fariseu? Em outras palavras, o autor procura discernir se Paulo, antes de se tornar cristão, encontrava-se no centro da vida e fé judaica, ou antes, à margem. Para responder a essas perguntas, o autor apresenta e analisa, num primeiro momento, os testemunhos biográficos da vida de Paulo conforme os encontramos em suas cartas e conforme o é testemunhado no livro de Atos dos Apóstolos. A pesquisa recente do judaísmo tardio ainda não nos deu uma resposta final e unívoca a respeito de Tarso ou Jerusalém e como deveríamos compreender o fariseu no tempo de Paulo. Independentemente das respostas, percebemos um Paulo profundamente envolvido com a sua tradição e vivência da fé, comprometido com o discernimento da vontade de Deus para o seu tempo. Aqui, a intenção e a tarefa de Paulo converge, segundo o autor, com a nossa hoje.

1 Karl-Wilhelm Niebuhr (Dr.) é desde 1997 professor titular da área de Novo Testamento na *Universidade Friedrich-Schiller*, em Jena, Alemanha. É membro de diversas entidades de pesquisa, tais como *Akademie der gemeinnützigen Wissenschaften zu Erfurt*, *Studiorum Novi Testamenti Societas*, *Society of Biblical Literature*, *Wissenschaftlichen Gesellschaft für Theologie*, *Theologischer Konvent Augsburgischen Bekenntnisses*. É editor, respectivamente co-editor das seguintes revistas científicas: *Theologische Literaturzeitung* (co-editor para ciências bíblicas, NT e Judaística), *Das Neue Testament Deutsch/Grundrisse zum Neuen Testament* (junto com Samuel Vollenweider), *New Testament Studies* (foi membro do Conselho Editorial de 2000 a 2003), *Compendia Rerum Judaicarum ad Novum Testamentum* e *Tria Corda*. *Jenaer Vorlesungen zu Judentum, Antike und Christentum*. E-mail: kwniebuhr@web.de.

Palavras-chave: Biografia de Paulo; Paulo como fariseu; Cristianismo e Judaísmo; Judaísmo Primitivo.

ABSTRACT

The intention of the author is to try to answer two questions: 1) Where did the apostle Paul receive his major impulse in terms of formation: in Tarsus, in Asia Minor, or in Jerusalem, in the land of Israel. 2) What meaning and implications bring to the exegesis the fact that Paul considers himself a pharisee. In other words, the author seeks to discern if Paul, before becoming a christian, found himself in the center of the judaic faith or on it's borders. To answer these questions, the author presents and analyzes, in a first step, the biographical testimonies of Paul's life as we find it in his letters and how it's testified in the book of Acts of the Apostles. A final and univocal answer concerning Tarsis or Jerusalem and how we should comprehend the pharisaism in Paul's time the recent research of the later judaism hasn't given us. Independently of the answers, we can see a Paul deeply involved with his tradition and living of the faith, compromised with the discernment of the will of God for his time. Here, the intention and work of Paul converge, according to the author, with ours today.

Keywords: Paul's Biography; Paul as a pharisee; Christianity and Judaism; Primitive Judaism.

Se fôssemos perguntar ao apóstolo Paulo pela sua religião,² com muita probabilidade ele não teria respondido: “Sou cristão!”. Também não teria respondido: “Sou judeu!”. Muito provavelmente ele teria respondido à pergunta com as palavras que encontramos em sua carta aos romanos: “*Eu sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim*” (Rm 11.1). E se fôssemos questionar a sua identidade religiosa, face ao seu claro testemunho a respeito de Jesus de Nazaré, então Paulo teria rebatido a esse questionamento – um

2 O presente artigo é a tradução de uma palestra proferida pelo autor em 9 de março de 2009, na *aula inaugural* do ano letivo de 2009, na FLT – Faculdade Luterana de Teologia. O título original da palestra é: “Paulus im Judentum seiner Zeit. Der Heidenapostel aus Israel in ‘neuer Sicht’”. A **tradução** do original alemão (ainda não publicado) foi feita pelo Prof. Ms. Klaus Andreas Stange, docente da FLT.

tanto irado e com certo orgulho, com as palavras que encontramos em sua carta aos filipenses: *Se alguém pensa que tem razões para confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu; quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível* (Fl 3.4-5). E se fôssemos contrapor a Paulo outros conterrâneos judeus que, como ele, eram seguidores de Jesus – talvez ainda mais zelosos aos fundamentos do judaísmo do que ele – ele provavelmente teria respondido com as palavras que encontramos em 2 Coríntios: “São eles hebreus? Eu também sou. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Eu também. São eles servos de Cristo (a quem Deus enviou para a salvação de seu povo Israel)? – vocês podem me considerar como louco, mas eu o sou ainda mais do que eles!” (2 Co 11.22-23).

Todas essas citações que acima mencionamos situam-se na época em que a missão de Paulo em favor de Cristo havia atingido o seu auge, ápice. Com essas citações, de forma alguma Paulo está simplesmente querendo passar algumas informações biográficas. Da mesma forma, Paulo não está interessado em revelar alguns aspectos obscuros de seu passado como judeu, passado que ele, desde o seu chamado por Jesus, deixou para trás. Muito pelo contrário, em todas as citações mencionadas, o interesse primordial de Paulo é falar de sua atual identidade como apóstolo de Jesus Cristo. A sua pertença a Israel, ao povo de Deus, é para Paulo uma característica contemporânea, não superada, de sua identidade como missionário e teólogo, ainda que (e talvez por causa disso) o conteúdo de sua pregação e teologia tenha sido completamente determinado por Jesus Cristo.

A pergunta que fica para nós é: que significado tem o fato de Paulo, como apóstolo de Cristo, enfatizar tanto a sua pertença a Israel? Como devemos avaliar/julgar o fato de Paulo, em suas controvérsias com os seus inimigos, sempre de novo se reportar a aspectos judaizantes de sua biografia, para justamente com esses argumentos defender a sua autoridade apostólica diante das comunidades cristãs para as quais escreve? Para podermos responder a essas questões de forma apropriada, precisamos primeiro clarear alguns pressupostos terminológicos e históricos.

I. “JUDAÍSMO” E “CRISTIANISMO” EM PAULO

Nós não encontramos no Novo Testamento uma antítese entre os termos “judaísmo” e “cristianismo”. A ausência dessa antítese não é comprovada apenas pelo fato de não encontrarmos uma referência literal no Novo Testamento, mas qualquer tentativa de colocar judaísmo e cristianismo como se fossem duas religiões opostas é totalmente estranho ao Novo Testamento. É anacrônico. Um anacronismo seria também querer entender todo o Novo Testamento, ou o *movimento de Jesus*, simplesmente como uma *parte do* judaísmo. O que nós, hoje, entendemos como sendo judaísmo e cristianismo, ou seja, duas sociedades religiosas que podem ser claramente distinguidas uma da outra é, na realidade, o fruto de um processo de autodefinição, identificação e delimitação que durou séculos. Podemos constatar esse processo tanto em seu aspecto conceitual quanto sociológico.

Vários são os fatores que contribuíram para o desenvolvimento do cristianismo como uma religião autóctone: o desenvolvimento

de práticas de organização e estruturas de liderança, a fixação de confissões de fé que serviriam de fundamento para a catequese e o ensino, a coleção de textos escritos e tradições normativas em meio aos seguidores do *movimento de Jesus*. Certamente esses processos iniciam na época do Novo Testamento, mas apenas algumas gerações mais tarde, mais precisamente no séc IV, como podemos perceber, o processo alcança seu desfecho.

No entanto, também o judaísmo passou por mudanças profundas na época do Novo Testamento. Marcos emblemáticos nessa trajetória são os anos 70 d.C. e 135 d.C. As datas retratam catástrofes históricas e religiosas do povo de Israel na luta contra seus inimigos romanos. No ano 70 d.C. finda a primeira guerra judaico-romana com a destruição do templo em Jerusalém; no ano de 135 d.C. findou a segunda guerra judaico-romana, o assim chamado levante de Bar-Kochba, com o definitivo aniquilamento dos rebeldes judeus e a transformação da cidade de Jerusalém em uma *pólis* gentílico-romana. Doravante, os judeus não poderiam mais entrar na cidade; no lugar do templo foi erigido um santuário a Júpiter.

Por meio dessas tragédias históricas e religiosas, pilares da fé de Israel acabaram ruindo. Em seu lugar, era necessário que surgissem novas colunas, para que todo o edifício da tradição não ruísse por completo. Dessa forma, aspectos importantes da tradição e vida religiosa, como orações e liturgias, passaram a ser transferidas do templo para o culto na sinagoga ou então para o ambiente doméstico. No lugar da classe sacerdotal, que até aqui gozava de prestígio e de autoridade religiosa derivada de suas funções no templo de Israel, surgem “leigos” piedosos, que logo tratam de apropriar-se de competências religiosas e intelectuais, à medida que se especializam em expor os ensinamentos da Torá. Evidentemente, essa nova classe

de leigos sabia estabelecer conexões com movimentos e grupos religiosos que já eram atuantes no meio de Israel, antes da destruição do templo. Nós os conhecemos a partir do Novo Testamento como “escribas”, “doutores da lei”. Também os fariseus se encaixam de certa forma nesse grupo, haja vista seu conhecimento das escrituras e seu interesse em perpetuar com fidelidade a tradição de Israel, embora eles mesmos não pertencessem à classe sacerdotal.

A necessidade de se encontrar um novo e contextual jeito de expor e interpretar as Escrituras se tornou colossal. Precisamos lembrar que uma parte expressiva da Torá consistia em mandamentos relativos ao Templo e tudo mais que o culto no templo circunscrevia. Como exemplo, mencionamos as leis que regulavam os rituais de purificação, as leis que regulavam o ritual de sacrifícios, etc. Todos esses mandamentos, haja vista que o templo já não mais existia, precisavam ser atualizados e reinterpretados de uma forma nova, se não se quisesse simplesmente colocá-los de lado. Justamente isso não se queria, pois a Torá representava a vontade de Deus, que havia sido mediada ao povo de Israel. A Torá era a Constituição de Israel. Era a única coisa que ainda poderia dar algum sustento em meio a catástrofes políticas e religiosas.

Esses acontecimentos e problemas que acabamos de mencionar são indicativos de que houve uma reorientação que se desencadeou na história e religião de Israel, após ser consumada a destruição do templo em Jerusalém. Somente a partir desses eventos, o judaísmo – enquanto religião viva como hoje o conhecemos – se apresenta a nós. No entanto, se voltarmos para o apóstolo Paulo e para a discussão em torno de sua “identidade judaica”, isso só pode significar que não podemos avaliá-la a partir da imagem que hoje temos do judaísmo, mas a nossa leitura deve ser colocada sob o prisma

da fé de Israel que havia antes das mudanças ocorridas no ano 70 d.C. Padrões de vida e de fé, como os que encontramos no judaísmo pós-guerras judaico-romanas, não podem servir de referência para a nossa compreensão da identidade judaica de Paulo.

Para a época que antecede o ano de 70 a.C. – vamos denominar esse período como o período do judaísmo primitivo ou o período do segundo templo – nos são acessíveis, hoje, fontes que não faziam parte das coleções típicas da literatura rabínica (Mishná, Talmude, Midrash). A partir desses testemunhos que nos foram preservados, resulta um quadro multicolorido, uma multiculturalidade que é praticamente inaceitável na tradição rabínica posterior. Nessa pluralidade de formas de vida, de manifestações de vida judaica, devemos encaixar Paulo, Jesus e os demais personagens e escritos dessa época. Não estamos lidando com o testemunho de uma outra religião, de uma religião em confronto com o judaísmo, mas diante de nós está a expressão de um estilo de vida e fé vivido no seio do povo de Israel ao lado de muitas outras expressões de vida e fé.

Que esse quadro não continuaria assim, que em breve os caminhos se tornariam distintos e que judaísmo e cristianismo em breve se tornariam duas grandezas sociais e religiosas autóctones, isso ainda não estava no horizonte na época do apóstolo Paulo. Pelo menos não é esse o testemunho que a história nos revela. As razões que conduziram a uma divisão são muitas. Olhando para trás, podem ser identificadas razões teológicas que, podemos dizer, remontam até Paulo, seu trabalho missionário em favor de Jesus. Afinal, em Paulo, nós encontramos pela primeira vez no Novo Testamento o testemunho de um judeu que reconheceu o agir de seu Deus no evento de Jesus Cristo. E, justamente por isso, tornou-se o apóstolo de Cristo para os povos.

Portanto, se nós inicialmente perguntamos pela relação de Paulo com o judaísmo de seu tempo, então nós não podemos simplesmente contrapor o judaísmo, mas precisamos muito mais procurar entender seu lugar no judaísmo. Assim sendo, mais uma vez, nós não podemos perguntar se Paulo, enquanto pregador do Jesus ressurreto, ainda tenha permanecido judeu, antes temos que perguntar que tipo de judeu era Paulo, que no agir e destino de Jesus de Nazaré, viu o agir do seu Deus, o Deus de Israel!

II. SOBRE A NOVA AVALIAÇÃO DO JUDAÍSMO PRIMITIVO NA EXEGESE BÍBLICA

Ainda nos resta comentar um segundo pressuposto a ser esclarecido ao tratarmos da relação de Paulo com o judaísmo de seu tempo. Esse pressuposto diz respeito às valorações, abertas ou camufladas, que estão vinculadas a esse tipo de inter-relacionamentos feitos no âmbito da história das religiões. A exegese cristã, especialmente a exegese protestante do séc. XX, por muito tempo trabalhou com um pressuposto em relação ao judaísmo. Trata-se de ver o judaísmo como um tipo de “religião de desempenho” ou “religião de méritos”. Interpretou-se, na exegese protestante, que esse pressuposto se encontrava no próprio Paulo, em sua compreensão acerca da justificação. No centro estaria a fé em Cristo contraposta às “obras da Lei” (Cf Gl 2.16, Rm 3.28, 9.30-10.4, Fl 3.9). Tradicionalmente se interpretava que a justificação a partir das “obras da Lei” é a típica característica da religião judaica, com a qual Paulo, enquanto representante da teologia cristã, haveria

de confrontar-se e debelar de forma exemplar.

Contra esse pressuposto e hermenêutica se levantaram protestos, primeiro da parte de pesquisadores judeus que pesquisaram a biografia de Paulo. Recentemente também estudiosos cristãos aceitam a plausibilidade da crítica feita. Em grande medida, há consenso entre os pesquisadores e exegetas contemporâneos, de que com chavões como “legalismo”, “justificação por obras”, “piedade por méritos” não se caracteriza com fidelidade o judaísmo no tempo do apóstolo Paulo. Pelo contrário, à luz de fontes correspondentes ao período do judaísmo primitivo, destaca-se um papel positivo da Torá enquanto “Lei” para Israel. Contribuíram também para essa nova perspectiva a descoberta de novas fontes, como, por exemplo, as fontes de Qumrã ou os textos pseudoepígrafos, apócrifos já conhecidos há mais tempo como textos da época do judaísmo primitivo. O empenho pela fidelidade à Torá é aqui visto e interpretado como uma postura de fé, com o intuito de resguardar a identidade judaica diante dos desafios do período greco-romano, especialmente na diáspora, mas também diante da realidade de um governo estranho (romano) sobre o território de Israel. Nessas circunstâncias, a Torá poderia ser vista como dádiva graciosa de Deus, como testemunha de sua aliança. Ela é sinal da eleição, através da qual Deus instituiu sua aliança com Israel. Fidelidade à Torá é a resposta de Israel à eleição de Deus, uma postura de vida, que haveria de ser exercitada no cotidiano.

Essa nova perspectiva acerca do judaísmo primitivo e sua compreensão da Torá traz consequências para a compreensão de Paulo acerca da Lei. Uma interpretação dos textos de Paulo, que simplesmente contrapõe aos assim chamados “judeus e sua justificação pelas obras” uma “*sola gratia* cristã”, dificilmente poderá ser fiel às intenções originais de Paulo; a não ser que se

pressuponha que Paulo tenha se debelado com uma compreensão judaica de justificação por obras que, na realidade, não existiu em seu tempo.

III. ORIGEM

Uma vez esclarecido o pano de fundo relativo à terminologia e às ciências da religião, podemos agora nos dedicar a refletir e responder às perguntas que levantamos acerca da biografia de Paulo, no início deste artigo.

São poucas as personalidades da antiguidade clássica das quais dispomos de tantas informações biográficas como de Paulo. Além de fontes que falam a seu respeito, como, por exemplo, o livro de Atos dos Apóstolos, temos também uma série de testemunhos dele próprio, ou seja, pelo menos sete cartas que, com segurança, podemos afirmar se tratarem de cartas paulinas. Em ambas as dimensões de fontes citadas, a despeito de diferenças que se pode verificar nos detalhes, há uma impressionante concordância, elas se complementam mutuamente. A bem da verdade, precisamos constatar que, especialmente em relação à biografia de Paulo, há uma série de dificuldades de interpretação que não podem ser simplesmente ignoradas. Não por último, essas questões dizem respeito ao gênero/tipo das fontes e sua respectiva intencionalidade.

No contexto das cartas paulinas, nós encontramos informações biográficas, especialmente na narrativa autobiográfica de Gl 1ss. Em todos os casos, encontramos nesse relato autobiográfico

– como também de maneira geral nos escritos de Paulo – somente aquelas informações que para os destinatários da carta eram relevantes, informações que tinham uma intencionalidade. Em Gl 1.13ss, Paulo fala do tempo antes de sua vocação e descreve a si mesmo como um excepcional representante do estilo de vida do judaísmo, ele se apresenta como “aluno modelo no cumprimento da Torá” e zeloso defensor de seus ideais. Além do texto mencionado, encontramos também em Fl 3.5, 2Co 11.22 e Rm 11.1 testemunhos de Paulo acerca de sua impecável descendência judaica, sempre em contextos específicos de disputas ou argumentações. Em destaque, encontra-se o texto de Filipenses, no qual Paulo menciona – como deveria ser praxe para um judeu, sua circuncisão ao oitavo dia após o seu nascimento. Aqui encontramos um indicativo da seriedade com que seus pais levavam a vida religiosa, mas não nos diz nada a respeito do lugar onde viviam. Finalmente também ficamos conhecendo, da própria mão de Paulo, que ele era fariseu (Fl 3.5).

Esse breve panorama nos mostra que Paulo raramente tinha a necessidade de compartilhar com as comunidades informações a respeito da sua biografia no que diz respeito a informações geográficas, cronológicas ou detalhes de sua família. Não encontramos um resumo ou uma espécie de *curriculum vitae* de sua vida nos escritos de Paulo, nem mesmo em Gl 1. Assim, a partir de suas cartas, muitas perguntas biográficas ficam em aberto: onde e quando ele nasceu? Onde ele cresceu? Qual era a sua língua materna? Onde e que tipo de formação obteve? Qual a sua profissão, onde e como a exerceu? Lembremo-nos de que mesmo aquelas informações biográficas que nos foram mediadas em suas cartas são informações dadas a partir de necessidades ou intencionalidades decorrentes da situação ou do problema que Paulo quer tratar em suas cartas. Portanto, ainda que

as cartas paulinas se constituam em fontes primárias, as informações biográficas nelas contidas são carregadas de subjetividade; mais ou menos testemunhos autobiográficos acidentais.

No livro de Atos dos Apóstolos, no entanto, encontramos uma gama de informações biográficas a respeito de Paulo, inclusive de sua origem. O autor do livro de Atos coloca as informações biográficas na boca do próprio Paulo. No contexto de disputas e defesas após o aprisionamento de Paulo em Jerusalém, ele tem duas oportunidades de apresentar sua história de vida (At 22.3-5 e 26.4-11). Aqui ficamos conhecendo seu local de nascimento: Tarso, na Sicília (Ásia Menor). Ficamos sabendo que ele, enquanto criança, veio a Jerusalém, onde cresceu e obteve sua formação junto ao famoso rabino Gamaliel (I). Ficamos conhecendo maiores detalhes de outras passagens de Atos, em contextos diversos: também os pais de Paulo eram fariseus (At 23.6); Paulo tinha parentes na cidade de Jerusalém (At 23.6 e 16); ele havia recebido de seus pais tanto a cidadania de Társis como a cidadania romana (At 21.39, 22.25-29); profissionalmente ele era fazedor de tendas (At 18.3).

Nenhuma dessas informações contradiz o testemunho biográfico que encontramos nas cartas paulinas. No entanto, também precisamos observar que todas as informações biográficas encontradas em Atos se encaixam perfeitamente na intencionalidade que o livro de Atos possui, apresentando uma descrição da atuação de Paulo em tempos espaçados. O livro de Atos tem a intenção de demonstrar o caminho que o Evangelho percorreu de Jerusalém até Roma, dos judeus aos gentios. Em quem se poderia demonstrar esse caminho melhor, senão na biografia do judeu piedoso que havia aprendido e conhecido os mais nobres valores do judaísmo, mas que após a sua conversão se põe a caminho para conquistar todo o

império romano, até a sua capital, para a fé em Jesus Cristo? Seria o caso de o enraizamento de Paulo no judaísmo e em Jerusalém, como o encontramos no livro de Atos, tratar-se apenas de um recurso literário fictício do autor de Atos, uma vez que o próprio Paulo não o confirma em suas cartas? Em todos os casos, toda essa gama de informações biográficas a respeito de Paulo, que encontramos no livro de Atos, não fica sem questionamentos críticos, especialmente no que diz respeito à sua origem.

Dada a conjuntura das fontes citadas, a discussão em torno da origem de Paulo se aguça em duas direções ou perspectivas: 1) onde Paulo recebeu seus decisivos impulsos espirituais: em Tarso, na Ásia Menor, ou em Jerusalém, na terra de Israel? 2) Que implicações derivam do fato de que tanto Paulo – em suas cartas, quanto o livro de Atos afirmarem que Paulo era fariseu?

Por trás da pergunta – Tarso ou Jerusalém? – oculta-se, em última análise, a pergunta: Paulo, antes de tornar-se cristão, encontrava-se no centro da fé e da vida judaica de seu tempo ou, antes, ele se encontrava na periferia, à margem? Jerusalém, com o seu templo, a importância que tudo isso exerce no testemunho bíblico, o papel que Jerusalém desempenhava na história judaica, certamente se tratava de um elemento central para todos os grupos e correntes do judaísmo no tempo de Paulo. Tarso, por outro lado, era um entre muitos outros centros da diáspora judaica, expressão da dispersão do povo de Israel, resultado de históricas catástrofes experimentadas pelos judeus, testemunho do juízo de Deus. Somente no final dos tempos, Deus irá novamente reunir em Jerusalém o povo disperso. Até lá, os judeus da diáspora teriam que aprender a lidar com contextos de hostilidade e inimizade. Conviver em ambiente gentílico só era possível se eles estivessem dispostos a adaptar seu

estilo de vida, sua cultura, talvez também a sua fé à cultura helenística. Que eles tivessem que traduzir inclusive a Bíblia na língua falada em seu contexto de diáspora, uma vez que a língua original da Bíblia nem era mais compreendida pela maioria deles, parece testemunhar a favor dessa necessária adaptação dos judeus na diáspora.

Seria Tarso, com sua comunidade heleno-judaica na diáspora, uma zona marginal do judaísmo, onde os limites que separam judeus do mundo gentílico já se tornaram fluidas? Deveríamos procurar o verdadeiro e puro judaísmo em Jerusalém? A pesquisa recente a respeito do judaísmo primitivo tem levado a outras conclusões! Por um lado, parece se confirmar que o judaísmo em Jerusalém e na terra de Israel de forma alguma era normativo, (no sentido de ser uma grandeza unânime) na época do apóstolo Paulo. Especialmente em Jerusalém, encontramos os mais agudos conflitos entre diferentes facções, onde cada qual reivindicava para si a representação do verdadeiro Israel. Inclusive o espírito do helenismo não se esquivou de deixar na região da Judeia a sua marca e influência, seja na esfera política, econômica, cultural ou religiosa. Um exemplo que nos ajuda a perceber essa dimensão: cerca de 70% de todos os manuscritos escavados em Israel e datados do séc I d.C., (podemos concordar que esses manuscritos são expressão da identidade religiosa de Israel) foram escritos na língua grega, não na língua hebraica!

Por outro lado, também se demonstrou que os judeus da diáspora, com todas as suas dificuldades de adaptação ao mundo heleno, de forma alguma perderam a sua identidade, ou tiveram que abrir mão de sua identidade. Os laços com Jerusalém foram uma importante característica da preservação da identidade. Por exemplo, as comunidades judaicas na diáspora recebiam expressa autorização do império romano para o envio regular de dinheiro para

a manutenção do culto em Jerusalém. Muitos judeus na diáspora procuravam, pelo menos uma vez na vida, peregrinar para Jerusalém, a fim de ofertar por ocasião de alguma festa. Aqueles que podiam se dar a este luxo, esses reservavam os anos de sua velhice para serem vividos na cidade santa. Portanto, a pergunta Tarso ou Jerusalém – em relação a confirmar uma identidade judaica, não configura uma alternativa. O que Paulo nos deu a entender a respeito de sua origem e formação, também o que o livro de Atos dos Apóstolos nos permite reconhecer a respeito do empenho consequente para que a tradição de Israel seja preservada de seus inimigos e caluniadores, isso era possível e necessário tanto em Tarso como em Jerusalém.

Persiste, portanto, a pergunta a respeito do significado do fato de Paulo ter sido fariseu. Precisamos constatar que esse tema (o movimento dos fariseus dos anos 70 d.C.) pertence a um dos assuntos mais difíceis de se obter informações precisas no âmbito da pesquisa do judaísmo: origem e características do movimento fariseu, seus objetivos, seus pressupostos.

A imagem dos fariseus que nos é mediada em grande medida obedece a uma intencionalidade das respectivas fontes. Na literatura rabínica, os fariseus são apresentados de forma idealizada como precursores do próprio movimento dos rabinos, e seus princípios são adaptados ao ensino e à práxis rabínica. Se simplesmente reprojetermos essas imagens ao séc I d.C., ignoramos que as fontes rabínicas apenas foram reunidas sistematicamente no final do séc. II d.C. Os rabinos reivindicavam para si a honra de serem os verdadeiros herdeiros e representantes da Torá, de Moisés e do Sinai. A despeito dessas reivindicações, seu movimento não pode simplesmente ser equiparado ao movimento dos fariseus.

Na outra ponta, temos a figura ou imagem negativa, pressuposta em relação aos fariseus, em função do testemunho negativo que encontramos a respeito deles nos Evangelhos. Também aqui estamos diante do perigo de um anacronismo. Nas disputas de Jesus com os fariseus, em que os fariseus geralmente levam a má fama (até hoje a palavra é carregada de forma negativa na linguagem e nos ditados populares), precisamos lembrar que, a rigor, esses textos somente foram fixados após a destruição do templo em Jerusalém. É necessário considerar que, nesse contexto, também entram em questão disputas entre simpatizantes de Jesus e o grupo dos fariseus. Portanto, a imagem que os Evangelhos nos mediam a respeito dos fariseus não pode ser simplesmente reprojetaada como que caracterizando o típico fariseu no período que antecede à destruição do templo. Deveríamos lembrar que, nos próprios Evangelhos, os fariseus nos são apresentados de forma não unânime. Isso não deve ser ignorado. Por exemplo, no evento da paixão de Jesus conforme o evangelista Marcos, eles não aparecem como adversários de Jesus. E, no Evangelho de Lucas, eles aparecem quase numa relação de simpatia a Jesus.

Finalmente existe ainda uma porção de relatos e testemunhos a respeito dos fariseus no historiador judeu Flavio Josefo. No entanto, também as suas descrições a respeito dos fariseus não estão isentas de interesses pessoais, explícitos ou implícitos, que se misturam ao seu testemunho. Josefo também escreve sua obra historiográfica apenas anos após a guerra judaica, especificamente como prisioneiro de guerra e, mais tarde, como escravo liberto da casa do imperador em Roma.

Em vista disso é praticamente impossível dizer o que um fariseu no tempo de Paulo pensava, fazia ou queria, especialmente

se nos perguntarmos o que o diferenciava dos judeus comuns de seu tempo. Provavelmente a resposta a essa questão não nos levaria muito longe. Antes, deveríamos ver o movimento dos fariseus em seu contexto e conjuntura maior: como um movimento que se empenha em ser fiel à Torá no judaísmo primitivo. Tal empenho e preocupação caracterizavam a maioria dos movimentos judaicos na época de Paulo. De certo modo, poderíamos também incluir o movimento de Jesus nesse contexto. Em todos os casos, os fariseus de forma alguma podem ser vistos como uma espécie de seita marginal do judaísmo primitivo. Pelo contrário, os fariseus se encontravam no centro de discussões e disputas em torno da correta compreensão da Torá, bem como de sua observância e obediência. Assim também devemos entender Paulo como fariseu.

Dessa forma, para as duas perguntas que foram levantadas em relação à origem de Paulo, chega-se a conclusões semelhantes: quer seja em Tarso ou em Jerusalém, era do interesse de Paulo que, em todos os casos, a vontade de Deus, registrada na tradição viva da Torá, fosse cumprida com toda a seriedade. Exatamente como fariseu, Paulo não se encontrava sozinho nesse intento, mas em contato e diálogo com outros grupos judaicos. Nem por causa de sua origem de nascimento, nem por causa de sua membresia ao movimento dos fariseus Paulo pode ser colocado à margem do judaísmo de seu tempo. No contexto dos muitos movimentos judaicos de seu tempo, Paulo não se encontrava em algum ponto marginal, mas no meio, especificamente no centro das correntes de seu tempo. É verdade que, para nós, justamente esse centro e ápice de vida e fé judaica no tempo de Paulo, não nos é possível definir, seja em seu aspecto geográfico, nem em seu aspecto teológico. Em todos os casos, o tema não está esgotado: tanto para Paulo e os

patricios de seu tempo, como para nós, hoje, converge a tarefa de nos esmerarmos no correto reconhecimento e discernimento da vontade de Deus.